

A HISTÓRIA PARA NÓS

UM HOMEM PECADOR
SE DEPARA COM DEUS
(CAP. 28)

Antes de Deus aparecer a Jacó em Betel, em Gênesis 28:12–15, Jacó havia mentido e enganado Isaque a fim de obter a bênção antes dele falecer. O narrador revelou que Esaú pretendia vingar-se matando o irmão. Todavia, ele decidiu esperar que o pai morresse para fazer isso (27:41). Rebeca ficou sabendo do plano do filho mais velho, mas não o revelou ao marido, sabendo que isso poderia contrariá-lo. Afinal, Esaú era seu filho favorito. Ela, então, disse para Isaque que não iria aguentar ver Jacó escolher uma esposa entre as cananeias, como fez Esaú (27:46). Pediu que o marido mandasse Jacó procurar uma esposa na casa de seu irmão Labão, em Harã, onde o servo de Abraão a encontrara anos antes (28:1–5).

Um Pecador Foge de Casa. Jacó deve ter iniciado a longa jornada de mais de seiscentos quilômetros muito apreensivo e receoso do sucesso de sua missão. Aquele que pensava ter todas as respostas, naquele momento não tinha nenhuma; com certeza, aquele foi um momento terrível em sua vida. Ele quis tanto riqueza, poder e liderança; mas, na tentativa de ter tudo isso, acabou saindo de casa praticamente sem nada. Sua ganância por bens e poder – através de um acordo tácito com Esaú e uma bênção irrevogável do pai – rendeu-lhe a promessa de uma porção dobrada da herança e a liderança da família. Nada disso o ajudaria naquele momento nem o capacitaria a conseguir uma esposa adequada em Harã. Mesmo que ele tivesse êxito na primeira parte

da jornada, a possibilidade de um regresso seguro e feliz a Berseba para ele e a nova esposa devia parecer improvável.

Quando Jacó partiu, ele foi o protótipo de todos que são ambiciosos, egoístas e destituídos de integridade. Essas pessoas tentam subir a escada do sucesso sem se preocupar com quem atropelam pelo caminho: parentes, amigos ou colegas de trabalho. Muitos aprendem a dolorosa lição de que “o vosso pecado vos há de achar” (Números 32:23) colhendo resultados lamentáveis. Naquele estágio da vida, Jacó não tinha como saber quais seriam as consequências de seus planos fraudulentos. Ele não fazia ideia de que Labão, seu futuro sogro, causaria muitos anos de luta e frustração em Harã, antes que finalmente regressasse a Berseba.

Deus Procura. Tendo viajado uns três dias de Berseba a Luz (Betel), Jacó chegou ali depois que o sol se pôs (28:10, 11). Na escuridão, ele achou uma pedra para usá-la como travesseiro; daí deitou-se no chão e esperou cair no sono. Talvez tenha sido mais do que a escuridão física e a solidão da noite que o faziam sentir-se tão vulnerável; talvez ele estivesse experimentando uma noite escura na alma.

Certamente, Jacó estava mergulhado em perguntas, dúvidas e medos enquanto tentava pegar no sono no chão duro. Tinha partido para escapar da ira de Esaú e para achar uma esposa, mas nada no texto indica que ele estivesse em busca de Deus. Inconscientemente, ele poderia estar evitando que o Senhor invadisse a sua vida através das histórias de seus pais. Todavia, Deus estava tentando invadir a vida de Jacó, como fizera com Abraão (12:1; Atos 7:2) e Isaque (26:2–4, 24, 25). Tomando a iniciativa, Deus apareceu a Jacó num sonho. O sonho não foi uma recapitulação mórbida de seu passado vergonhoso, não foi uma repreensão divina para induzi-lo

à culpa. Antes, Deus Se revelou a Jacó e ofereceu-lhe a possibilidade de um futuro novo com Ele, dando a Jacó esperança e uma nova direção na vida.

Quando Deus falou com Jacó em sonho (28:12), Ele Se revelou como “o Senhor” (Iavé), o Deus de Abraão e Isaque (28:13). Ele então prometeu abençoar Jacó e sua descendência. 1) Ele lhes daria a terra em que ele estava deitado (28:13). 2) Os descendentes do patriarca se multiplicariam e se espalhariam sobre a terra, vindo a abençoar todas as famílias da terra (28:14). 3) Deus prometeu estar com Jacó de um modo pessoal (28:15; veja 26:3, 24; 31:3; 46:4; 48:21; Êxodo 3:12). Ele prometeu “guardar” (cuidar de) Jacó, preservando-o e protegendo-o para onde fosse (28:15; veja Salmos 91:11–16). A promessa divina incluía uma volta ao lar, à terra de Canaã, de onde ele estava fugindo naquele momento (28:15).

Iavé não abandonaria Jacó, por mais tempo que levasse para realizar a sua missão e por mais difíceis que se tornassem as suas circunstâncias (28:15). Mais tarde, os israelitas foram consolados pelo conhecimento de que Deus esteve com o patriarca pelos vinte anos de exploração que ele sofreu da parte de Labão, em Harã. Disseram: “O SENHOR dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio” (Salmos 46:7, 11)

A Resposta do Pecador. Assim que despertou do sonho, Jacó tremeu de medo e disse: “Na verdade, o SENHOR está neste lugar, e eu não o sabia... Quão temível é este lugar! É a Casa de Deus, a porta dos céus” (28:16, 17). O sábio mais tarde escreveria: “O temor do SENHOR é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino” (Provérbios 1:7) e com essa dramática revelação de Deus, o temeroso Jacó começou a perceber sua necessidade de conhecer mais a Deus. Ele se conscientizou de seu comportamento fraudulento ao trapacear o irmão e mentir para o pai, mas provavelmente tinha racionalizado que aquele comportamento fora necessário. Depois dessa espetacular revelação, ele passou a demonstrar um temor reverente adequado e começou a se ver como um pecador diante de um Deus santo. Essa convicção de pecado e humildade sempre é apropriada¹. Surpreso porque Deus estava com ele em Luz, Jacó começou a entender o conceito de que qualquer lugar em que o povo de Iavé estivesse podia tornar-se “a Casa de Deus” (Betel). Ele

¹Isto se evidencia nos exemplos de Moisés (Êxodo 3:6), Israel (Êxodo 19:16), Gideão (Juizes 6:22, 23), os pais de Sansão (Juizes 13:20–22), Isaías (Isaías 6:5) e Pedro (Lucas 5:8, 9).

finalmente estava começando a entender a natureza e a glória do Deus de seu pai e de seu avô.

Na plenitude do tempo, Deus mandou a expressão máxima da Sua glória na pessoa de Jesus. Deus encobriu a Sua glória de tal maneira que Ele pareceu ser apenas um homem comum; todavia, Jesus estava longe de ser comum e era mais do que um homem. Ele era o Filho de Deus encarnado (João 1:49). No decurso de Seu ministério, Ele realizou muitos milagres poderosos que deram testemunho de Sua identidade (Atos 2:22; 10:38). Numa ocasião, quando Jesus transformou água em vinho em Caná da Galileia, o texto diz que o milagre “manifestou a Sua glória” (João 2:11).

Sendo “o resplendor da glória e a expressão exata do Seu Ser” (Hebreus 1:3), Jesus veio ao mundo para revelar o coração de um Pai amoroso que sempre deseja salvar os perdidos (Lucas 15:1–32; 19:1–10). O evangelho convida todas as pessoas, independentemente de condição econômica, posição social ou opção religiosa; porém a maior parte do ministério de Jesus foi passada entre as pessoas comuns (Lucas 7:36–50; João 9:1–41). Jesus demonstrou a glória de Deus ministrando a essas pessoas, expulsando demônios, curando enfermos e abençoando as vidas de pecadores (Marcos 1:21–2:17).

Tudo isso foi impactante para a elite judaica, incluindo os principais sacerdotes e os fariseus; mas essas atividades só anteciparam a maior demonstração do amor salvífico de Deus (João 3:16) ou a Sua “glória” (João 12:23, 28; 2 Coríntios 3:18), que foi a morte de Jesus na cruz (João 12:31–33; 2 Coríntios 5:19–21). Nesse ato, Jesus deu espontaneamente a Sua vida em “resgate” (Marcos 10:45; Filipenses 2:5–8) pelos pecados do mundo. Aqueles que possuem um coração bom e sincero reagiram a Ele com fé, obediência e adoração. Essa foi a reação natural de pessoas cujas vidas foram para sempre transformadas por Sua misericórdia e graça (Mateus 28:9, 17; João 9:38; Atos 2:22–42).

A resposta de Jacó à revelação da glória de Deus em Luz foi semelhante à dos seguidores de Jesus e correspondeu às reações de seus antepassados em Gênesis 12:7, 8; 22:1–18; 26:1–5, 24, 25 (veja Atos 7:2). Quando Deus revelou a Jacó a boa notícia de Seu desejo de abençoar, estar presente, e guardar a ele e a seus descendentes, Sua mensagem produziu uma resposta de fé, compromisso e adoração naquele homem obstinado. Jacó convenceu-se de que, por mais indigno e egoísta que tivesse sido, sua vida poderia ser usada como um canal de bênçãos para todas as

famílias da terra, em conformidade com o plano de Deus (28:13–15).

Pela primeira vez, Jacó começou a redirecionar o seu pensamento. Sua reação de gratidão e adoração levou-o a pegar a pedra usada como travesseiro e erguê-la como uma coluna memorial. Ele derramou azeite sobre ela, consagrando-a com o nome “Betel” (“a Casa de Deus”). Após esse ato, ele assumiu um compromisso com Deus. Se recebesse todas as bênçãos que Iavé prometera, então ele adoraria e serviria a Deus. Ele tornaria Betel um lugar especial de adoração, e daria um dízimo de suas bênçãos ao Senhor, o provedor de todas as bênçãos (28:18–22). Todavia, ao emitir o seu voto “se... então”, Jacó estava tentando negociar com Deus. Essa não era a forma mais superior de fazer uma dedicação e adorar, mas pelo menos era um começo. Todos que optam por obedecer a Deus precisam esforçar-se para desenvolver novas prioridades e um novo estilo de vida.

“A CASA DE DEUS”

(28:16, 17)

Depois de Jacó sonhar em Luz com a escada que ia até o céu, ele concluiu: “Na verdade, o SENHOR está neste lugar, e eu não o sabia”. Depois, ele exclamou: “Quão temível é este lugar! É a Casa de Deus, a porta dos céus” (28:16, 17). A partir daí, Jacó começou a reconhecer a presença de Deus em sua vida. Perto do fim de sua vida, o patriarca pôde testemunhar que Deus foi seu pastor por toda a vida (48:15). Verdadeiramente, onde quer que o povo de Deus esteja, Ele está ali.

Somente quando a nação de Israel atravessou o mar Vermelho e viajou até o monte Sinai, eles realmente perceberam essa verdade, pois Deus os guiou nessa jornada com “uma nuvem de dia” e “uma coluna de fogo à noite” (Êxodo 13:21, 22; 14:19, 24). Por quarenta anos de peregrinação no deserto, o mesmo fenômeno de fogo e nuvem pairou sobre o tabernáculo e guiou os israelitas em suas viagens à Terra Prometida (Êxodo 29:42–46; 40:34–38).

E ainda mais tarde, com a construção do templo de Salomão, “a glória do Senhor” fez-se evidente quando “a nuvem encheu a Casa do SENHOR, de tal sorte que os sacerdotes não puderam permanecer ali, para ministrar” (1 Reis 8:10, 11). A tragédia foi que os israelitas foram desenvolvendo gradual-

mente atitudes supersticiosas em relação ao prédio e à adoração que ali ofereciam. Começaram a confiar no templo, no lugar de Deus. Pensavam que Deus permaneceria com eles independentemente dos pecados que cometiam: idolatria, ritos de prostituição e até sacrifícios de crianças. Presumiram que, enquanto realizações os ritos de adoração na casa de Deus, o Senhor não permitiria que Jerusalém ou o Seu templo fossem destruídos (Jeremias 7:1–15).

Por causa desse raciocínio, o povo de Jerusalém ignorou os apelos dos profetas e endureceu o coração, recusando arrependê-se de seus pecados. Enquanto o tempo de reinado de Judá e sua capital ia se esgotando, os judeus da cidade ainda se sentiam seguros porque tinha uma equivocada confiança de que Iavé não deixaria nada acontecer com a Sua cidade santa ou Seu templo. De fato, eles ridicularizaram seus irmãos judeus que já tinham sido levados para o cativeiro babilônico, dizendo que eles estavam “longe do Senhor” e alegando que os que ainda estavam em Jerusalém estavam seguros na terra que Deus lhes dera “em possessão” (Ezequiel 11:15).

Nesse tempo, a mensagem divina de esperança proferida aos judeus na Babilônia foi que Ele era o “santuário” (שִׁמְשֵׁן, *miqdash*, “lugar santo” ou “templo”; Ezequiel 11:16²) deles, mesmo estando os judeus longe de casa naquela terra pagã. No Antigo Testamento, *miqdash* é às vezes usado para o tabernáculo no deserto (Êxodo 25:8, 9; Levítico 12:4; 19:30; 20:3) e para o templo em Jerusalém (1 Crônicas 22:19; 28:10; 2 Crônicas 20:8; Neemias 10:39). A mensagem do Senhor para os israelitas naquela terra distante, a Babilônia, era a mesma dada a Jacó, o primeiro israelita, quando ele estava a caminho do noroeste da Mesopotâmia: onde quer que estejas, a verdadeira “casa de Deus” (templo) é onde o Seu povo está por causa da Sua promessa de estar com eles (26:3, 24; 28:15).

A concretização total do sonho de Jacó e da visão de Ezequiel só aconteceu quando Deus Se revelou na pessoa de Jesus. João disse: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (João 1:1). Então, falando da encarnação de Jesus, o apóstolo continuou: “E o Verbo se fez carne e habitou [de ‘tabernáculo’³] entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a Sua glória, glória como

²Thomas E. McComiskey, “שִׁמְשֵׁן” in *DITAT*, p. 1320.

³A palavra grega traduzida por “habitou” é a forma verbal do substantivo σκηνή (*skene*, “tabernáculo”).

do unigênito do Pai” (João 1:14).

Esse foi um tipo de manifestação da glória de Deus totalmente diferente da que Israel experimentou com os trovões e relâmpagos ao pé do monte Sinai (Êxodo 19:16–18). Tampouco foi como a glória ofuscante da presença de Iavé, da qual o Senhor teve de proteger Moisés para que ele não morresse (Êxodo 33:20–23) ou como a face resplandecente de Moisés, quando ele desceu o monte da presença de Deus.

Essa glória amedrontou os israelitas, e Moisés teve de se cobrir para falar com eles (Êxodo 34:29–34). Deus esteve com os discípulos de um modo es-

pecial na pessoa de Jesus durante Seu ministério na terra. E, tendo ressurgido dos mortos, pouco antes de enviá-los para um mundo hostil para pregarem o evangelho (Marcos 16:15, 16), Ele fez esta promessa: “E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mateus 28:20). Muitos anos depois, quando os cristãos judeus enfrentavam perseguição, o autor de Hebreus lembrou-os de outra promessa do Senhor: “De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei” (Hebreus 13:5). O autor animou os irmãos ao escrever: “Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre” (Hebreus 13:8).

Autor: Bill Grasham

© A Verdade para Hoje, 2016

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS